

Katia de Sousa Nunes, Graduação em Design de Moda pela FMU.  
[katiamoda@usp.br](mailto:katiamoda@usp.br)

Orientador (a) Prof.(a). Dr (a). Luiz Barco, Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo. [nuap@usp.br](mailto:nuap@usp.br)

## **MODA E PERFORMANCE: TEATRALIDADE DOS TRAJES E DESFILES CONTEMPORÂNEOS**

Katia de Sousa Nunes, aluna de Pós-Graduação em Têxtil e Moda. (Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo).

Luiz Barco, Prof. Dr. do Programa de Pós-Graduação em Têxtil e Moda. (Escola de Artes, Ciências e Humanidades. Universidade de São Paulo).

**RESUMO:** Os desfiles de moda, que têm raízes no teatro e cinema, incorporam um papel importante na indústria pois comunicam a mensagem que o designer de moda quer passar. O presente artigo objetiva analisar os tipos de desfile e a sua relação entre os trajes da teatralidade e os desfiles contemporâneos.

**PALAVRA CHAVE:** Performance, Desfile, Moda.

**ABSTRACT:** The fashion shows, which start in theater and movies, incorporated an important role in the industry because communicate the message that the fashion designer wants to show. This article aims to analyze the types of fashion shows their relationship between the theatricality of the costumes and contemporaries shows.

**KEYWORDS:** Performance, Fashion Show, Fashion

### **Início dos Desfiles de Moda**

A ideia deste artigo é estabelecer uma relação entre a teatralidade dos trajes e desfiles contemporâneos, tendo em vista que os dois buscam comunicar algo para quem está assistindo. Segundo Ana Carolina Jobim (2008) desde as mudanças ocasionadas pela Revolução Industrial, pela emergência da cultura urbana e de uma sociedade de consumo, o contexto social no qual as belas artes operavam foi alterado para sempre. “Com isso, a comunicação massiva iniciou um processo destinado a se tornar cada vez mais absorvente: a hibridação das formas de comunicação e de cultura.” (JOBIM APUD SANTAELLA, 2008).

Voltando um pouco no tempo, com o surgimento dos desfiles, os quais começaram por volta de 1920, quando as damas das sociedades iam até os

bailes organizados pela aristocracia, e buscando se sentar nas primeiras fileiras a fim de observar os detalhes usados pelos demais convidados.

Segundo Vilaseca (2010), os primeiros desfiles estão relacionados com o Teatro, moda e cinema. A historiadora Valerie Steel, afirma que o momento exato de como se começou os desfiles é incerto. Porém concorda – se que eles começaram com o costureiro Charles Frederick Worth, no final do século XIX.

Até o referido período mencionado anteriormente as clientes traziam o tecido a costureira e mesma fazia de acordo com o que era pedido. Charles Frederick Whorth revoluciona propondo um novo sistema, ele cria suas peças e elas compram, sendo que o modelo que elas gostassem seria feito na medida exata do cliente. Para apresentar as suas coleções ele fazia convites e enviava as suas clientes, para que as mesmas fossem observá-las em seu salão luxuosamente decorado.

Segundo a historiadora Carolina Evans “Existem semelhanças visuais entre o efeito de ‘imagem quieta’ de uma fileira de manequins em um desfile e a silhueta humana no cinema”. O movimento, em relação concomitante com o tempo e a velocidade, parecia captar ao mesmo tempo a essência da vida contemporânea na arte e no comércio. “O mesmo imperativo estimulava o desfile de moda: uma vontade de materializar a modernidade, mais do que representa – lá.” (VILASECA, 2011, pág. 32)

Segundo Vilaseca (2010), Lady Duff Gordon, que pertencia à aristocracia inglesa teve uma grande participação em organizar desfiles de sua marca Lucile. Os seus desfiles tinham um “ar teatral” quando apresentados ao público e com os seus conhecimentos adquiridos em vestuário ela os utilizou para fazer figurinos de musicais e teatros, transformando assim seu showroom na Hanover Street em um pequeno teatro. Seus desfiles teatrais logo se transformaram em um dos assuntos mais comentados na sociedade de Londres.

“Quando as luzes mudavam, enquanto soava música suave e as modelos desfilavam, não havia mulher na sala, ainda que fosse gorda ou de idade avançada, que não se projetasse ao contemplar as belas jovens exibindo as roupas oferecidas. E esse era um prelúdio inevitável para as vendas.” (VILASECA, 2011, pág.35).

Outro costureiro que também pertenceu à esse seleto clã foi Jeane Paquin, que pode ser considerado uns dos primeiros em comunicar o desfile através de um espetáculo, tendo em vista que o mesmo os apresentava em um palco de teatro. Chanel, por sua vez adotou um estilo próprio para as suas modelos, ela as ensinou a colocar os quadris para frente, ombros caídos e caminhar com um pé a frente do outro. E outra característica marcante em suas modelos era que ao desfilarem elas colocavam uma mão no bolso e a outra gesticulando.

Christian Dior vem revolucionando seus desfiles, dando aos seus trajés, vida com movimentos vertiginosos. Ele saiu do padrão, onde os costureiros apresentavam suas criações calmamente, ele não, ele dava nomes imaginários às suas modelos e fazia dos seus desfiles verdadeiras representações teatrais, onde sempre conseguia surpreender a todos que assistiam.

Passado o “bum” da alta costura, entramos em meados de 1950 a 1960 com o prêt – á – porter que tem como significado “pronto para vestir”. Com o fim da segunda guerra mundial o desejo por moda aumentou globalmente, neste contexto surge a estilista Mary Quant que em seus desfiles pedia para as suas modelos que elas dançassem e corressem na passarela, já que seu desfile era embalado pelo ritmo do jazz. Após esse período surgiram em 1970, os desfiles midiáticos com Kenzo, onde suas modelos tinham autonomia para improvisarem na passarela.

Segundo Vilaseca (2010) com o crescimento dos desfiles surgiram as tops models, a primeira notícia que se tem são de Jerry Hall e Pat Cleveland. A notoriedade é tamanha que a próxima profissão que aparece é o cenógrafo de passarela com Norbert Schmitt e Bernard Trux. Eles têm o papel de escolher as músicas e as modelos que iram desfilarem. Já nos anos 80 os desfiles passaram a ser televisionados, a imprensa passa a cobrir os desfiles e o champanhe começa a fazer parte do backstage. O estilista Thierry Mugler organiza o primeiro desfile pago na França, onde participaram cerca de 6 mil pessoas.

Com o surgimento do prêt – a porter os desfiles da alta costura, sofreram um certo impacto e com isso Versace é convidado a integrar o calendário da alta costura. Segundo Vilaseca (2010), ele propõe que ao invés do seu desfile ser realizado no showroom com capacidade somente para 200 pessoas, montou - se uma passarela no Hotel Ritz e utilizando – se da primeira fileira do

desfile para as pessoas vips. Com isso seus desfiles passam a ser concorridos. Outros estilistas como Chanel, Valentino, Alaia e Armani passam a seduzir a imprensa e os fãs, surpreendendo eles a cada desfile realizado.

Considerando os acontecimentos mencionados anteriormente, é possível perceber total ligação entre os desfiles de moda performáticos e a questão da teatralidade, desta forma o material escolhido para se trabalhar foram os desfiles enquanto performance.

## **Os Variados tipos de desfile**

### **1. Desfile Espetáculo**

Segundo Vandresen; Rodrigues (2011) essa prática tem têm uma característica comum: a de unir o simbólico à carne dos indivíduos, numa associação íntima entre os corpos e o espírito que lhes confere uma dimensão espetacular. “Por espetacular entende – se a maneira de ser, de se comportar, de se mover, de agir no espaço, de cantar e de ser enfeitar que se destaca das atividades banais do cotidiano ou enriquece essas atividades que ainda lhes dá sentido”. (VANDRESEN; RODRIGUES APUD PRADIER, 2011).

O termo espetáculo pode ser aplicado à tudo que se pode ver: nos campos da dança, ópera, cinema, música, circo, artes e etc. Mantovani (1989) afirma que um espetáculo compõe – se por vários elementos: cenografia, figurino, luz, organizado e orquestrado para que o espectador possa apreciá-los em seu conjunto. Para o espetáculo ser impactante, o mesmo precisa comunicar algo para quem o está assistindo.

Atualmente, verifica-se a facilidade em se afirmar que o espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada pelas imagens. (Debord em A Sociedade do Espetáculo, 1967). Os desfiles querem mais do que exibir suas criações. Seus criadores vão além, eles usam locações específicas de acordo com o tema escolhido. Segundo Duggan, (2002), o único elemento que separa o desfile de moda de seus correlatos teatrais é o seu objetivo básico – funcionar como estratégia de marketing. Pode ser abordado até quatro componentes principais dentro de um desfile - espetáculo são eles: tipo de modelo, locação, tema e o encerramento.

Com isso os estilistas e maisons sempre buscam melhorar a cada temporada, tendo em vista que a mídia espera ver algo melhor do que foi visto na temporada passada. “O desfile - espetáculo liga o mundo da moda ao da

música pop, show business e culto de celebridades. E todas essas associações aumentam o interesse do público por moda”. DUGGAN APUD MCROBBIE 2002.

## **2. Desfile Substância**

Para entendermos o que é um desfile de substância, explica - se a diferença entre ele e o desfile espetáculo. Segundo Duggan (2002) o espetáculo para acontecer precisa de um assunto específico e de fácil entendimento da cenografia, adereços, luz e música. Já o desfile de substância trabalha com o conceito abstrato, sendo assim eles precisam de uma narrativa ligada ao tempo ou lugar específico. Outra característica é que os que fazem o desfile de substância não buscam inovar, porém ainda sim eles atraem a imprensa de moda. Eles não arquitetam seus desfiles como jogada de marketing, diferentemente do desfile de espetáculo que utiliza o marketing para atrair a imprensa de moda.

Segundo Duggan (2002), os desfiles – espetáculos são motivados basicamente pela imprensa, os desfiles de substância são mais uma consequência dos cursos de moda. Onde se tem total liberdade para criar.

Os designers de substância concentram – se em conceito, processo e ritual, investindo as roupas de um significado mais profundo, não muito diferente da associação que se faz entre os ternos de feltro de Beuys e um personagem mitológico. (DUGGAN, 2002, pág.15)

Sendo assim podemos dizer que os designers de substância se valem do conceito para os seus desfiles.

## **3. Desfile de Ciência**

Segundo Duggan os designers de ciência procuram enfatizar em seus desfiles, o tecido e a roupa, através da ciência dos materiais. Seus desfiles são fáceis de serem identificados, pois sempre tem algo futurístico. E como se a modelo estivesse vestida para o futuro da moda. Bruce Nauman e Nam June Paik são grandes influenciadores para os designers científicos, eles fazem uso da tecnologia para saírem da mesmice de arte tradicional. As minis

performances tecnológicas reforçam o interesse em torna a roupa o ponto focal do seu desfile.

Podemos citar um exemplo do Designer Watanabe, onde em sua coleção primavera 2001 ele costurou à mão centenas de retalhos de organza de náilon, em camadas como de uma folha. Ele fez esse processo com a ajuda de um computador. Na época ele foi comparado ao “Edward Mãos – de – Tesoura”. Watanabe, diz ainda que:

A quantidade de informações disponíveis via internet, aliada a novas tecnologias para criação de modelos virtuais e protótipos tridimensionais, levou a uma riqueza de opções em tecnologia de construção, design de tecidos e vestuário virtual. (DUGGAN, 2002, pág.17)

Os designers científicos querem com a tecnologia uma diferenciação dos tecidos e roupas tradicionais. Os primeiros artistas de performance em vídeo também se deleitavam com as possibilidades da nova tecnologia, e a tecnologia, por sua vez, tornou – se o evento principal (Duggan apud Rush 2002 ).

Fazendo uso da tecnologia, os designers científicos acabam saciando a curiosidade de mídia, pois a cada novidade, a mídia tem uma novidade para divulgar. Contudo, toda essa tecnologia, acaba se tornando “espaço cibernético” segundo Duggan, pois acaba sendo algo mais conceitual do que funcional. Ele cita como exemplo Miuccia Prada que faz uso frequente dos avanços tecnológicos em tecidos, porém o máximo que ela consegue usar dessa tecnologia é o fato de a roupa não precisar passar.

#### **4. Desfile de Estrutura**

Para o designer de estrutura o que importa é a forma, eles acabam por enfatizar áreas estranhas e distorcem o corpo feminino. A preocupação é com a forma da roupa e não com silhueta do corpo na roupa. Seus desfiles acabam por ser simples, segundo Duggan o resultado dos desfiles são inspirados nas performances de Rebecca Horn e Jana Sterbak.

Seus desfiles muitas vezes são interpretados como esculturas, porém eles fazem da performance parte significativa dos conceitos em questão. Segundo Duggan a diferença entre os designers de estrutura e substância, é

que o de substância transmite conceito através de símbolos e significados esotéricos, ao passo que os de estrutura consideram a forma tridimensional a mais representativa das suas ideias. Os desfiles tradicionais procuram favorecer e evidenciar a silhueta dos cortes da peça, já o de estrutura sai completamente deste formato, chegando ao ponto de distorcer completamente a silhueta de quem usaria, causando inclusive estranheza aos olhos de quem assiste ao desfile assim.

Segundo Duggan outro ponto que difere o desfile de espetáculo para o de estrutura, é que o de espetáculo usa adereços e efeitos especiais em passarelas. Já o de estrutura busca por espaços como estações de metrô abandonadas, estacionamentos vazios e pequenos estúdios estranhos, onde há poucas distrações superficiais.

Nesse aspecto, os desfiles de estrutura aproximam – se mais dos desfiles dos designers de substância, por conta de sua falta de narrativa ou enredo. A maioria destes designers não é conformista e fazem uso da linguagem do mundo da arte, para traduzir seu estilo artístico em minimalismo, abstracionismo, pós – modernismo e desconstrução – em forma usáveis.

### **5. Desfile de Afirmação**

Os desfiles de afirmação lembram os protestos públicos, segundo Duggan (2002) esse tipo de desfile tem como característica abordar temas amplos, como a imagem corporal e a indústria da moda como um todo. Os designers de afirmação criam em seus desfiles apresentações conflitantes, este tipo de desfile é o que mais se aproxima das artes de performance dos anos 70. Seus desfiles são para um grupo seletos e não tem como características criar cenários espetaculosos e sim fazer efeitos primorosos.

Podemos citar como exemplo de desfile de afirmação a marca Imitation of Christ, onde no desfile de primavera de 2011, um grupo de 60 seletos convidados, foram instruídos a procurar uma funerária de New York. Ali começaria a performance do desfile, dando uma ideia de cortejo fúnebre. As modelos tinham os pulsos com ataduras ensanguentadas, e foram orientadas para não fazerem pose de moda, e sim fazem “cara” de sofridas. A marca adota performances que tenham atitudes rebeldes e agressivas.

Segundo Duggan (2002) os designers de afirmação passam suas mensagens através das roupas ou dos desfiles, ou até mesmo dos dois juntos.

Com o alvoroço da mídia em volta dessas performances, acaba – se atraindo compradores e profissionais de indústria da moda, tendo em vista que um dos pontos é que essas performances são realizadas em locais de difícil acesso.

Os designers de afirmação se classificam – se como talento “emergente”, com toda notoriedade que eles ganham através da mídia, eles sofrem com a pressão de vender a marca para uma grande corporação ou investidor, perdendo assim o seu controle criativo.

### **Considerações finais**

Os desfiles de moda evoluíram e se modificaram com o passar dos tempos, porém os mesmo ainda sofrem influencia do passado. Ele tem o papel de informar ao consumidor ou público alvo as suas ideias. Os estilistas ou designers não tem obrigação de fazerem um desfile, porém para manter a sua visibilidade os mesmos fazem uso desse recurso. E partir da execução dos desfiles surgiu algumas classificações, que são elas: Espetáculo, Substância, Ciência, Estrutura e Afirmação.

Essas cinco categorias sofrem várias influências da arte performática. As essas classificações para desfile estão correlacionados com arte e moda. Independente de o designer fazer do seu desfile um show ou utilizar de referencias históricas para faze – lo, cada um destes representa a integração da moda com a performance.

Nem sempre o designer busca fazer algo com a intenção de se mostrar á mídia, porém a imensidade do desfile é tão grande ou tão peculiar que a mídia quer mostrar como se deu essa criação e o que ele pretende transmitir. Partindo dos conceitos apresentados podemos entender que a moda está ligada a arte, cinema e música, desde que os desfiles começaram a surgi. Lipovestsky fala da como algo que se transforma e transforma uma sociedade e meio. Ele diz ainda que ela terminou estruturalmente seu ciclo histórico, chegou ao topo do seu poder, remodelou a imagem da sociedade e a sua imagem.

### **Referências Bibliográficas**



BAUDOT, François. *A moda do século*. Edição: 3. Ed. Cosac Naify, 2008

DUGGAN, Ginger Gregg. *O maior espetáculo da terra: os desfiles de moda contemporâneos e sua relação com a arte performática*. Fashion Theory, São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, v.1, n.2, jun.2002.

EVANS, Caroline. *O espetáculo encantado*. Fashion Theory, São Paulo, Editora Anhembi Morumbi, v.1, n.2, jun.2002.

LIPOVETSKY, G. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Ed.Companhia das Letras, 1989.

VILASECA, Estel. *Como fazer um desfile de moda*. Editora SENAC 2010.

### **Sites Consultados**

<http://www.leiamoda.com.br/leiamoda/content/materia.php?idText=2195&secao=le>

Dia 22/05/12 às 11h29min

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0884-1.pdf>

Dia 22/05/2012 às 15h34mim